

A photograph of a highly decorative wooden door. The door is framed by a wide, ornate wooden lintel featuring intricate carvings of scrolls and floral motifs. The wood is aged and shows signs of wear. The image is taken from a low angle, looking up at the door. A yellow banner is overlaid at the bottom of the image.

Casa da Caramuru
arquitetura e arte

Henrique Altman

Fundação Instituto do Livro de Ribeirão Preto - 2012

Casa da Caramuru

arquitetura e arte

Prefeita Municipal
Dárcy Vera

Secretária da Cultura
Adriana Silva

Presidente da Fundação Instituto do Livro
Edwaldo Arantes

Diretora de Patrimônio Cultural
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Conselho Editorial
Adriana Silva
Érica Amêndola
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Michelle Cartolano de Castro Silva
Tânia Cristina Registro

I195b - Casa da Caramuru - Arquitetura e Arte. Henrique Altman -
(pesquisa e texto) – Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.
100 pg.; (Coleção Identidades Culturais, n.9)

1. História de Ribeirão Preto – 2. Arquitetura - 3. Patrimônio Cultural

CDD: 981.612 rpb

Capa: foto do autor.

Sobre o autor:
Henrique Altman é arquiteto.....





Foto das páginas anteriores pertencia ao acervo do senhor Antonio Villalobos, cedida durante a pesquisa. Nela se vê a casa principal e toda a área da fazenda.

Sumário

Apresentação

1.Introdução

2.Dados técnicos

2.1- Modificações

2.2 - Obras de arte nas paredes

3. Dados Históricos

3.1 - Breve histórico da cidade de Ribeirão Preto

3.2 - A chácara Villa Lobos

4. Levantamento do Estado de Conservação do Edifício

4.1 - Sistemas construtivos

5. Diagnóstico

5.1 - Danos identificados

6. Conclusão

7. Bibliografia



Apresentação

A Coleção Identidades Culturais inaugura seu terceiro ano de publicações com o lançamento do nono volume. As escolhas temáticas nunca foram aleatórias. Os editores deste trabalho se pautaram em registrar a história da cidade e evidenciar suas tradições. A diversidade até aqui não é fruto de casualidade, mas uma estratégia de preservação do patrimônio cultural material e imaterial, assim como de pesquisa.

Todos os números já publicados e os que virão se justificam pela importância do registro do saber cultural da comunidade ribeirão-pretana.

Esta nova edição coloca em destaque o Solar Villa Lobos, ou Casa da Caramuru, como ficou conhecido o imóvel localizado no antigo bairro da República, hoje Vila Virgínia.

Restaurar este patrimônio é um desejo de muitos e o compromisso foi assumi-

do por este governo. Várias ações estão sendo conduzidas neste sentido e a publicação deste livro é uma delas.

Mostrar as imagens, relatar a história, esclarecer a cronologia é uma maneira eficiente de registrar a importância do prédio, o mais antigo ainda edificado.

Sua beleza é muito mais do que arquitetônica, é histórica e emblemática, pois se trata de um lugar de grande identidade com as várias épocas de Ribeirão Preto. Em seu auge, o imóvel foi um retrato da força do café, suas ruínas são o desenho de um desenvolvimento descomprometido com a tradição.

Este livro é um presente e desnuda o desejo puro e simples de uma cidade que se esforça para ser moderna, mas que foi despertada para manter salva-guardada suas referências.

Adriana Silva
Secretária da Cultura



1. Introdução

A Chácara Villalobos, também chamada de Casa da Caramuru, situada na Avenida Caramuru, nº 232, no Bairro Vila Virgínia, antigo Bairro República, próximo às margens do Córrego Preto, na cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo é o tema central desta publicação, que se propõe a mostrar uma história ilustrada.

Este trabalho não foi originalmente pensado para ser um livro, nasceu nos bancos acadêmicos e o foco, naquele momento, era a arquitetura. A etapa de diagnóstico da pesquisa levantou e catalogou o estado físico do imóvel, atualmente ainda mais deteriorado. Os sinais dos danos observados e fotografados durante a vistoria do imóvel revelaram a origem e não esconderam os efeitos do tempo.

Construída como uma propriedade rural, hoje se localiza na área urbana do município e as edificações laterais foram erguidas sem respeitar os recuos. No seu lado direito existe um prédio de três pavimentos, que durante muito tempo foi uma loja de materiais elétricos. No lado esquerdo existe um bar e ambos foram construídos rentes a casa. Estas edificações interferem na leitura e prejudicam a visibilidade e a fruição do bem tombado.

Muitos elementos naturais e não naturais agiram ao longo do

tempo para que o imóvel chegasse ao estado de conservação em que se encontra. O vento e a insolação são dois destes elementos.

O vento predominante é o Sudeste e incidiu diretamente na Elevação Principal deste monumento, o que permite observar manchas enegrecidas, provavelmente causadas pelo acúmulo de partículas de poluição ambiental, trazidas por este vento. Com o estudo da carta solar é possível observar a incidência do sol em cada elevação do edifício. Todas estas informações contribuem para uma leitura arquitetônica e histórica do patrimônio.

Esta observação permite a afirmação de que a elevação sudoeste está praticamente obstruída, não recebendo a incidência solar e a ação de ventos devido ao fato de estar colada à loja de materiais elétricos. O que pode parecer simplesmente um detalhe, no caso da arquitetura, em especial a de restauração, se mostra um dado explicativo.

1 - Há uma variação na forma como o nome da família Villalobos foi grafado ao longo do tempo. No trabalho de Borges (1983), pioneira nas pesquisas sobre o imóvel, o nome aparece separado, Villa Lobos. Contudo, no presente trabalho se convencionou a utilização da grafia Villalobos, pois, assim consta nos documentos do início do século XX disponíveis no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Um bom exemplo é a certidão da escritura de compra e venda do imóvel, onde consta o nome da vendedora Adelaide Pires Villalobos (viúva de André Ferreira Villalobos).





Wilson's Co. Station

2. Dados técnicos

Essa residência não possui nenhuma planta da época de construção ou plantas de alterações e mesmo de acréscimos edificadas. As únicas plantas encontradas estavam na Secretaria de Planejamento de Ribeirão Preto e contêm informações incorretas, pois foram feitas a partir do levantamento de dados da construção hoje existente.

As primeiras fazendas de café da região de Ribeirão Preto, do início do século XIX, eram de propriedade de mineiros oriundos do vale do Paraíba, de onde trouxeram técnicas próprias de construção, como os tijolos cozidos, diferenciados dos paulistas, que utilizavam a taipa de pilão.

As novas técnicas construtivas estavam ligadas ao novo partido de casas de meia encosta térrea nos fundos e assobradadas na frente, com suas altas varandas acessíveis por escadas externas. Este pode ser o caso da Chácara Villalobos.

Um dos materiais mais utilizados em construções em todo o mundo, desde que os homens começaram a construir, foi terra crua,

que chegou a ser utilizada na construção de cidades inteiras. Podem-se destacar dois processos de construção em terra crua, um é a taipa e o outro é o adobe. “Taipa é uma palavra de origem latina usada pelos franceses de Lyon, em 1562 e significa paredes espessas com no mínimo 50 cm, compactando a terra em tramas laterais e alterando as tramas com o avanço do trabalho” (POMPIDOU, 1982, p. 56-57).

Adobe é uma palavra árabe e berbere adotada do espanhol e transmitida no século XVI às Américas. Significa “tijolo de terra crua seca ao sol depois de moldado”. Costuma ser assentado com barro e o revestimento utilizado é argamassa constituída do mesmo material (POMPIDOU, 1982).

A área construída da Chácara Villalobos está em um terreno de declive acentuado, sendo um pavimento ao nível da rua e o outro, um porão com um pé direito mais alto que o convencional, tendo 2,70 metros, localizado próximo ao Córrego do Preto, que deu origem ao nome da cidade, Ribeirão Preto.

A alvenaria da edificação é composta de tijolos cozidos de barro e assentados com revestimento de argamassa do mesmo material. As estruturas de sustentação e travamentos dos pisos e do telhado são em barrotes de madeira.

Os pilares de sustentação da varanda são de alvenaria na parte inferior, porão, e de madeira no primeiro piso e ambos possuem ornamentos, como é possível observar nas elevações.



A cobertura da residência é constituída por um telhado de quatro águas, coberto com telhas coloniais e com estrutura de madeira. O forro também é de madeira, com tábuas sobrepostas, mais conhecido como saia e camisa.

O assoalho é de madeira, com tábuas corridas em todos os cômodos, inclusive na varanda, excetuando o das áreas molhadas, (banheiro e cozinha) onde há ladrilhos hidráulicos de 20x20.





As esquadrias também são em madeira, sendo que algumas, como a da porta principal, possuem muitos ornamentos, outras um pouco menos, detalhadas como janelas da mesma elevação.



As características desta residência são de uma arquitetura rural-urbana. O estilo de sua construção é marcado pela tipologia rural devido à sua distribuição interna: o banheiro e a cozinha localizados nos fundos e os quartos e a sala de jantar voltados para frente da casa e para o Córrego Preto, também marcado pelo avarandado e pelas laterais da parte superior. Os ornamentos e uma platibanda, que são características predominantes da arquitetura urbana, foram inseridos posteriormente, onde se localizavam os fundos da casa e hoje correspondem a sua frente (ficha de identificação do CONDEPHAAT).

2.1 Modificações

Esta residência passou por algumas modificações ao longo dos séculos. A primeira foi com a inserção da fachada e das pinturas de algumas paredes em seu interior, no final do século XIX. Posteriormente, já no século XX, ocorreu a retirada do portão com os leões, que estavam colocados um de cada lado do mesmo. Hoje, à esquerda do local onde havia o portão, encontra-se um bar rente a casa e à direita onde havia uma área livre, pertencente à chácara, uma edificação em formato misto: comercial embaixo e residencial em cima.

No ano de 1890, foi construída a fachada por Vincenzo Lo Giudice, um imigrante italiano que veio ao Brasil e começou sua carreira de

empresário com pequenos trabalhos executados em diversos pontos do Estado. Sua última parada foi na cidade de Ribeirão Preto, onde residiu continuamente e, com o seu trabalho, melhorou a arte de edificar nesta cidade (DEL FANFULLA, 1906).

Esta fachada foi acrescentada à casa devido ao desenvolvimento do município de Ribeirão Preto e a abertura das ruas no entorno da chácara, que incorporaram a área ao meio urbano, transformando o que eram os fundos da casa na atual frente majestosa, segundo a arquiteta Valeria Valadão (1997).

Nesta mesma época, como mostram as fotografias retiradas do livro *Il Brasile e gli italiani*, observa-se, no lado esquerdo da foto, o portão com os leões nos seus pilares.

qual é esta foto?

2.2 - Obras de arte nas paredes

Existem no interior da residência raras pinturas que retratam cenas italianas, como paisagens, gôndolas que nos lembram Veneza, construções bizantinas e também muitos ornamentos. Há paisagens mediterrâneas longínquas no tempo e no espaço, que são belíssimas obras de arte que merecem, em primeiro plano, ter sua existência garantida e ser orgulhosamente ostentadas como patrimônio de toda a comunidade ribeirãopretana.

As pinturas existentes no seu interior, que se encontram nas paredes do hall, da sala de jantar e em um dos dormitórios, acredita-se que tenham sido as primeiras dessa época.

Segundo Maria Elízia Borges (1983), em entrevista realizada com a neta de André Maria Ferreira Villalobos, Sônia de Lourdes Villalobos, as pinturas são anteriores a 27 de setembro de 1894, data de nascimento da primogênita do primeiro proprietário.

No hall de entrada podemos observar o realce dado à delicadeza dos elementos ornamentais, como as conchas estilizadas, principalmente sobre as portas as flores... as formas, caracterizadas pelo uso de curvas caprichosas e assimétricas, denotam a influência do estilo ornamental rococó (BORGES, 1983, p. 24-25).

As pinturas que se localizam no quarto vermelho, como o nome mesmo indica, são avermelhadas e lembram almofadas e panos acolchoados, com detalhes de paisagens.

Na sala de jantar, a superfície das paredes está dividida em retângulos de largura diferentes, com a utilização de uma arquitetura imaginária de inspiração romana, mas apresentando arcos ogivais, treliças, colunas finas... motivos florais, vegetais e animais, que criam uma ornamentação fantasista e caprichosa (BORGES, 1983, p. 24-25).

Em relação às pinturas do interior do imóvel sabe-se que, em diferentes períodos, mais de um artista deixou sua obra registrada nessas paredes. Contudo, de acordo com Maria Elizia Borges algumas destas pinturas são provavelmente de Rosaltino Santoro. Executadas ainda no final do século XIX, as pinturas estando presentes em toda a residência – no hall, nas salas e nos quartos.

Em entrevista por nós realizada com a antiga inquilina dessa casa, a Sra. Regina Martins, que residiu aproximadamente entre 1974 e 1990, foi-nos informado que ela própria e seus familiares davam manutenção à residência, realizando reparos quando necessários, como na pintura da elevação principal. Ela se comoveu com o atual estado de degradação do imóvel.



3. Dados Históricos

3.1 Breve histórico da cidade

Esta cidade nasceu em 1856, em uma clareira onde, um século antes, os bandeirantes estiveram de passagem. Ribeirão Preto ganhou impulso com a lavoura do café, cultivada pelos imigrantes e pela fertilidade do solo de terra vermelha - "rossa" para os italianos e "roxa" no linguajar caboclo.

Em 2 de abril de 1870 foi criada a freguesia de São Sebastião do Ribeirão Preto e, em meados deste mesmo ano, a capela que ali fora edificada foi elevada à condição de matriz.

A freguesia foi elevada à categoria de Vila de Ribeirão Preto em 12 de abril de 1871, sendo desmembrada da cidade de São Simão. Em 1873, a Vila era formada por quatro ruas, seis travessas e dois largos.

(Cf. mapa de 1890).

Em 1º de abril de 1889, a Vila de Ribeirão Preto foi elevada à Cidade de Ribeirão Preto e vários investimentos se seguiram, como em 1892, quando foram realizadas as obras de canalização de água da cidade.

A partir de 1898 o comércio se tornou mais desenvolvido, com a abertura de novas lojas e novos hotéis. O centro da cidade reuniu os serviços públicos, a prestação de serviços e as atividades sociais. Essa área era destinada a uma burguesia formada por fazendeiros e comerciantes que enriqueceram com o café.

A canalização de água, juntamente com a instalação da luz elétrica (1899) e de esgotos (1900), deram origem a uma nova paisagem urbana da cidade. Em 1900, com o desenvolvimento da área urbana central, esta passou a ser constituída por aproximadamente 124 quarteirões. Em 1908 foi implantada a rede telefônica em Ribeirão Preto.

(Cf. mapa de 1903)

A partir de 1920, durante a administração de João Rodrigues Guião, foi iniciada a pavimentação e dois anos depois 14 quarteirões já estavam pavimentados e desses, apenas quatro se localizavam fora da área central. Ainda em 1922 foram abertas novas avenidas e várias ruas foram prolongadas.

Nessa época o poder público e o privado estavam comprometidos com o mesmo propósito, isto é, o desenvolvimento e o progresso da cidade. No mapa de 1925 observa-se que a avenida Caramuru, onde se localiza a Chácara Villalobos, já estava traçada e definitivamente incorporada ao traçado urbano.

Em 1935 houve a ampliação de outros trechos de vias públicas da cidade. Ribeirão Preto viveu a glória da época do café e logo se transformou em uma cidade importante, ligada ao país por ferrovia, telefonia e rodovias, que vieram dar continuidade ao desenvolvimento desta região.

O desenvolvimento trouxe novas culturas: da cana-de-açúcar, da soja, do milho, do algodão e da laranja o que permitiu a implantação de uma forte agroindústria.

(Cf. mapa de 1925).

3.2 - A Chácara Villalobos

A Chácara Villalobos foi construída para ser a residência do comerciante André Maria Ferreira Villalobos, português de ascendência espanhola. Foi membro da maçonaria local, participou da fundação do Comercial Futebol Clube, tradicional time de futebol que existe até os dias atuais, e também da Sociedade Recreativa e de Esportes.

Segundo Prisco da Cruz Prates (1956), o Bairro República é um dos mais antigos e o que menos se desenvolveu por se localizar na área baixa da cidade, que está sujeita a inundações do Córrego Preto.

Os dados sobre a construção desta residência não foram encontrados nos arquivos do município de Ribeirão Preto, mas, segundo a arquiteta Valadão (1997), parte desta chácara foi adquirida para a instalação da estação provisória da Estrada de Ferro Mogiana, em 1883. Assim, esta pesquisadora entendeu que o Casarão da Caramuru já estivesse edificado nesse ano.

O desenvolvimento urbano da vila de Ribeirão Preto e a abertura das ruas no entorno desta chácara incorporaram essa área ao meio urbano. Assim, segundo Valadão (1997), os fundos da casa transformaram-se na atual frente majestosa.

Em 1986 o empresário Roberto Leão da Costa adquiriu este imóvel e ainda naquele mesmo ano esta propriedade foi objeto de uma primeira ação civil pública, promovida pelo Ministério Público local, que deu origem ao projeto de lei nº 767/86, que posteriormente se transformou na

lei municipal 4881/86, que se refere a proteção municipal deste Casa-rão. Encontramos uma carta de depoimento prestado pelo Sr. Edvaldo Ramos de Andrade, artista plástico residente no nº 176 da mesma Avenida Caramuru. Segundo ele, o comprador deste imóvel, o Sr. Roberto Leão da Costa solicitou que os inquilinos daquela época desocupassem o imóvel, pois pretendia fazer uma reforma para adaptá-lo à instalação de um depósito de materiais elétricos.

Por sua importância histórica, artística e cultural, este edifício foi protegido pelo Governo Municipal, por meio da lei nº 4881/86, de 06 de Agosto de 1986. Posteriormente o imóvel foi tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo), pelo processo nº 25774/87, pela resolução 61 de 28 de outubro de 1988.

Este edifício figura como um exemplo monumental da arquitetura do café do “Oeste Paulista” devendo-se dar um grande destaque pela sua raridade, pois é um dos únicos exemplares de edificação do século XIX ainda remanescentes na cidade de Ribeirão Preto (Resolução 61 de 28 de outubro de 1988 do CONDEPHAAT).

Acrescentam-se ainda ao valor arquitetônico desta obra, as pinturas decorativas existentes nas paredes internas e a sua fachada trabalhada com enquadramentos, repleta de ornamentos, também presentes na platibanda.

No ano de 2000 a edificação foi objeto de uma segunda ação civil



pública, também promovida pelo Ministério Público local. O motivo desta segunda ação foi o estado de abandono deste imóvel por parte de seu atual proprietário, o empresário Roberto Leão da Costa, da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto e do Governo do Estado de São Paulo.

Ocorre que esse processo encontra-se em andamento até os dias de hoje, por causa de uma decisão tomada pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

A casa da Caramuru, como é conhecida, não vem recebendo nenhuma manutenção desde seu tombamento. A situação deste imóvel agravou-se ainda mais devido ao fato de que ele se encontra desocupado há aproximadamente 16 anos, o que tem contribuído gradativamente para o seu estado de degradação, como podemos verificar comparando as fotos obtidas em 1994/1996 com as de 2002, registradas no levantamento iconográfico.









Pelo que se observou, este imóvel encontra-se em um avançado processo de deterioração. Além disso, ainda existe o risco de seu desabamento.

Somente em 2010 a Prefeitura Municipal, por ação da Secretaria da Cultura, propôs ao proprietário um comodato. A tramitação foi longa e em 2011 o documento foi assinado. No começo de 2012 técnicos do Condephaat visitaram o imóvel com o objetivo de iniciar ações de proteção, como a colocação de uma cobertura provisória e obras de conservação e restauro.

4. Levantamento do estado de conservação do edifício

Até o ano da publicação deste livro, 2012, o prédio da Casa Caramuru encontra-se em péssimo estado de conservação, sofrendo com a ação do tempo e com a falta de manutenção. Paredes, pinturas, telhado, assoalho, esquadrias entre outros itens estão deteriorados.

A alvenaria encontra-se sem fissuras estruturais, demonstrando uma fundação estável. Devido ao fato de algumas áreas estarem destelhadas, as estruturas da cobertura encontram-se em péssimo estado, podendo ocorrer maior degradação devido a má conservação das mesmas.

Parte da varanda perdeu seu apoio e corre o sério risco de ceder completamente a qualquer momento. As paredes estão em péssimo estado de conservação, pois estão sofrendo ações diretas das intempéries naturais, como chuva e sol, sobre suas pinturas centenárias e ainda estão sujeitas à ação de vândalos e de pichadores.

As fotos mostram um belo afresco, localizado no quarto vermelho, que está sendo deteriorado pela ação da natureza



Outro fato que pode ser observado é a perda de alguns detalhes dessa residência ao longo do tempo, como sua escada principal, as calhas, os puxadores de bronze e os leões, que se localizavam na entrada e foram removidos para outro local. Esses detalhes foram retirados por saqueadores ou vândalos.

A perda de um patrimônio como este constitui prejuízo inestimável para toda a sociedade. Este livro contribui para a preservação da memória histórica, mas ainda se espera a atenção com o restauro e o uso aberto ao público deste patrimônio arquitetônico.

A recuperação e a preservação dessas obras e do prédio como um todo é uma forma de manter viva a memória e o trabalho dos artistas, anônimos ou renomados, que por ali passaram, além de ser um dos caminhos a se buscar para formação e consolidação da identidade cultural da comunidade onde se encontram.





4.1 Sistemas construtivos

Após constantes visitas ao monumento com a finalidade de realizar e verificar os sistemas construtivos e os materiais empregados se obteve as seguintes conclusões:

a) Situação

A área construída está em um terreno de declive acentuado, sendo um pavimento ao nível da rua e o outro, um porão com um pé direito mais alto que o convencional, tendo 2,70 metros, o porão.

Localiza-se próximo ao Córrego Preto, fato que justifica o seu avarandado voltado hoje para os fundos desta residência e, provavelmente na época de sua construção, localizada para frente deste, para contemplar a bela vista para o córrego, o que também justificamos desse mesmo modo a localização da área de serviços e toaletes, localizados hoje voltados para a elevação frontal e antigamente para os fundos.

b) Interferências

Nota-se que as duas edificações que estão faceadas ao edifício impossibilitam a leitura do mesmo, pois estas o sufocam e também contribuem para a sua degradação, devido ao fechamento da varanda lateral direita feito pelo muro do edifício comercial. Assim, esta cons-

trução prejudica a estrutura, sua composição e, além disso, cria uma área entre as duas construções, onde há acúmulo de entulho.

Esses dois imóveis roubaram toda linha de visão que se tinha da antiga Chácara Villalobos, pois transformaram esses três imóveis em um único conjunto, onde as duas construções novas tiraram a visão da antiga.

c) Fundações

A fundação da residência é composta de pedras maiores e embrexada com pedras menores.

d) Estrutura

A alvenaria da Chácara Villalobos é composta de tijolos cozidos de barro e assentados com revestimento do mesmo material. As estruturas de sustentação e travamentos dos pisos e do telhado são em barrotes de madeira.

e) Pilares

Os pilares de sustentação da varanda, que se localizam no porão, são de alvenaria de tijolos com argamassa de barro e possui ornamentos no seu topo. Os pilares do piso superior, que se localiza no nível da rua, são de madeira com sua sessão quadrada e cantos sextavados, sua fixação na parte superior ao edifício é por parafusos e na parte

inferior encaixada na argamassa e travada na estrutura de madeira. Em seu topo encontramos um capitel clássico com mísulas de madeira, com ornamentos, como poderemos observar nas elevações e fotografias.

f) Assoalho

Os assoalhos são de madeira, com tábuas corridas em todos os cômodos, inclusive na varanda, excetuando o das áreas molhadas (banheiro e cozinha), onde há ladrilhos hidráulicos de 20x20. O piso do porão é composto de ladrilhos cerâmicos.

g) Forros

Os forros da residência são de madeira, sendo que alguns deles são de tábuas corridas e outros de tábuas sobrepostas, mais conhecidos como saia e camisa. Em sua lateral encontramos um entaberrado, que circunda todo o forro acompanhado por uma cornija, ambos de madeira.

h) Roda forro

Os roda forros são de madeira e se localizam não apenas na parte superior da pintura pictórica e sim rodeando, como se fossem uma moldura. Seus suportes de sustentação são chapuzes de madeira de 0,7x0,5, que estão encravados na alvenaria para sua melhor fixação.

i) Cobertura

A cobertura da residência é constituída por um telhado de quatro águas e outro, provavelmente posterior, de duas águas, onde se localizam a cozinha e o toalete, cobertos com telhas coloniais, com estrutura de madeira.

j) Esquadrias

As esquadrias são em madeira, sendo que algumas, como a da porta principal, possuem muitos ornamentos, como podemos observar na elevação sudeste e nas fotografias. Também encontramos outras um pouco menos trabalhadas como janelas da mesma elevação. Observamos que as esquadrias do porão e dos quartos são de tábua com encaixe e as tábuas de travamento são fixadas com tarugos.

l) Fachada

No ano de 1890, foi inserida a fachada atual por Vincenzo Lo Giudice. Esta apresenta ornamentos de argamassa, fixados por pregos metálicos, cujo mau estado de conservação podemos observar através da sua oxidação. Estes ornamentos apresentam formas florais de diferentes espécies, como podemos notar nas fotografias e na elevação.

Também podemos notar nesta fachada a platibanda com formas distintas, mas semelhante às outras citadas acima. Outro elemento que se destaca são as duas colunas que se assemelham com a ordem

coríntia.

m) Tipologia

As características desta residência são de uma arquitetura rural-urbana. O estilo de sua construção é marcado pela tipologia rural devido a sua distribuição interna: o banheiro e a cozinha localizados nos fundos e os quartos e a sala de jantar voltados para a frente da casa e para o Córrego Preto, também marcado pelo avarandado e pelas laterais da parte superior. Os ornamentos e uma platibanda, que são características predominantes da arquitetura urbana, foram inseridos posteriormente, onde se localizavam os fundos da casa e hoje corresponde a sua frente (ficha de identificação do CONDEPHAAT).





5. Diagnóstico

5.1 Danos identificados

Após os levantamentos de danos observados em cada um dos ambientes, conclui-se que as principais causas desta degradação se devem à umidade descendente junto com a falta de uso e a depredação.

Constatamos que os aspectos ambientais estão contribuindo para um aumento gradativo dos danos produzidos nos materiais.

A principal causa da umidade neste imóvel é decorrente da falta de telhas cerâmicas do tipo colonial nos locais onde elas foram deslocadas e/ou quebradas pela ação humana ou mesmo por desgaste causado pela ação do tempo. As telhas ainda existentes apresentam em sua superfície manchas de coloração verde e negra, provavelmente seja microflora, fungos e/ou musgos.

A incidência de águas pluviais está causando enormes danos aos materiais deste edifício. Assim, grande parte do forro já foi parcialmente perdido ou mesmo totalmente perdido. As paredes estão recebendo esta incidência de água há bastante tempo, o que está degradando as pinturas parietais e deixando manchas, devido ao escorrimento de águas. O piso de tabuado corrido de madeira também está bastante

comprometido por causa do acúmulo de água, causando o apodrecimento do mesmo.

A presença da umidade descendente na elevação principal, sudeste, e a concentração de poluição ambiental vem provocando ainda o aparecimento de manchas enegrecidas.

Outro dano encontrado nesta elevação e no interior deste imóvel é a presença de manchas de tinta, provavelmente “spray”, produzidas por atos de vandalismo que tem causado danos às pinturas murais internas.

As pinturas parietais existentes em seu interior estão bastante degradadas, que podem ser observadas pelas fotos de 1994/1996. Comparando-as com as de hoje (ano 2001/2002) constata-se o avanço gradativo ocorrido pela ação da água e de vandalismos como pichações e orifícios nas pinturas.

Ainda nesta elevação se encontra uma rachadura, que provavelmente tenha decorrido da diferenciação dos materiais de sua construção e da existência da loja de materiais elétricos ao lado.

Não foi possível realizar o exame do estado de conservação das estruturas de madeira que, aparentemente, se apresentam íntegras e com manchas esbranquiçadas, que provavelmente foi causada por acúmulo de água e microorganismos.

Encontramos um grande problema estrutural neste edifício: a desarticulação dos pilares de sustentação da varanda, cujo material é madeira e estão parcialmente ou totalmente deslocados da estrutura de alve-

naria, ou seja, correndo sérios riscos de despençar levando parte do telhado, terraço e até das paredes.





Considerações finais

Os monumentos que são abandonados tendem, em pouco tempo, a uma degradação muito rápida, muitas vezes de consequências irreparáveis.

Em fevereiro de 2011 os técnicos da Secretaria Municipal da Cultura de Ribeirão Preto realizaram vistoria no local com a finalidade de averiguar a situação de degradação do imóvel. O laudo resultante da visita indica que a edificação apresenta elevado índice de comprometimento estrutural, em particular na sua parte posterior (área suspensa em decorrência da inclinação natural do terreno) . Essa degradação é resultado da umidade descendente em conjunto com a falta de conservação e os atos de vandalismo.

A casa da Caramuru, como é conhecida em Ribeirão Preto é considerada como um dos únicos exemplares edificados na área urbana da arquitetura do café do final do século XIX. Sua existência cumpre uma função documental do conflito urbano-rural em que viviam os produtores de café. Essa dualidade está representada na platibanda e fachada frontal, que apresentam enquadramentos repletos de ornatos, característica da arquitetura urbana, que se contrapunha ao despojamento da arquitetura rural. Além disto, a marcante influência italiana presente na construção documenta a expressão da imigração na sociedade local .

Este imóvel representa uma referência cultural não somente para Ribeirão Preto, mas, para todo o estado de São Paulo. Esta afirmação se justifica pelo seu valor histórico, artístico e arquitetônico, que o torna um marco simbólico da sociedade cafeeira no final do século XIX e o início do século XX.

A preservação da antiga residência da família Villalobos e de outros marcos edificados deste período torna-se, neste momento da história de Ribeirão Preto, emblemática e necessária. Fundamentalmente porque a iniciativa de restauração simbolizará uma ação educativa: a conciliação entre o novo e o velho, entre a modernização e a tradição. Este aprendizado é imprescindível para que a sociedade perceba que a ruptura com as experiências⁴ das gerações anteriores é nociva para a construção de expectativas coletivas, que passem pela vivência pautada no respeito às diferenças.













7. Bibliografia

ALMEIDA, Márcia Estela Oliveira. Capela Nossa Senhora da Penha. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador: UFBA/PNUD/UNESCO, 2000.

BORGES, Maria Elízia. A pintura na “Capital do Café”: sua História e Evolução no período da Primeira República. São Paulo: UNESP, 1983. P. 24-25.

CAETANO, Gardênia. Projeto de Restauração da Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo. Salvador: CECRE UFBA, 2000.

POMPIDOU, Centre Georges. Arquitetura de terra ou o futuro de uma tradição milenária. Rio de Janeiro, 1982. P. 56-57.

CINCOTTO, Maria Alba. Patologia das Argamassas de Revestimento - Análise e recomendações. São Paulo: IPT, 1993.

DEL FANFULLA. Il Brasile e gli italiani. Firenze, 1906. P. 1136.

FERNANDES, Etelvita Rebouças; LARCHER, Ligia Maria. Igreja Nossa Senhora da Penha. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador: UFBA/PNUD/UNESCO, 2000/2001.

HENRIQUES, Fernando M. A. Humidade em Paredes. 1.ed. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1994.

LEMONS, Carlos A. Casa Paulista. São Paulo, 1999. P. 39 e 46.

_____. Alvenaria Burguesa. São Paulo, 1985. P. 28 e 35.

OLIVEIRA, Mario M. de. Rudimentos para oficiais de Conservação e Restauração. Rio de Janeiro: Abracor, 1996.

_____. Tecnologia da Conservação e da Restauração. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador:

UFBA/PNUD/UNESCO, 1995.

_____. Relatórios Técnicos 1993-1996. Salvador, 1993/1996.

PRATES, Prisco da Cruz. Ribeirão Preto de Outrora. Ribeirão Preto, 1956. P. 51

VALADÃO, Valéria. Memória arquitetônica em Ribeirão Preto. Franca, 1997. P.103 a 106.

Arquivos Consultados

Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Biblioteca Altino Arantes de Ribeirão Preto.

Secretaria de Planejamento e Gestão Ambiental de Ribeirão Preto (SEPLAM).

Entrevistas Realizadas

Sra. Regina Martins, antiga inquilina do Casarão da Avenida Caramuru.

Autorização para cópia de material fotográfico

Sr. Antonio Reis Villalobos, descendente de André M. F. Villalobos









ISBN 978-85-62852-15-2



9 788562 852152



Apoio



Realização

Secretaria da
CULTURA

